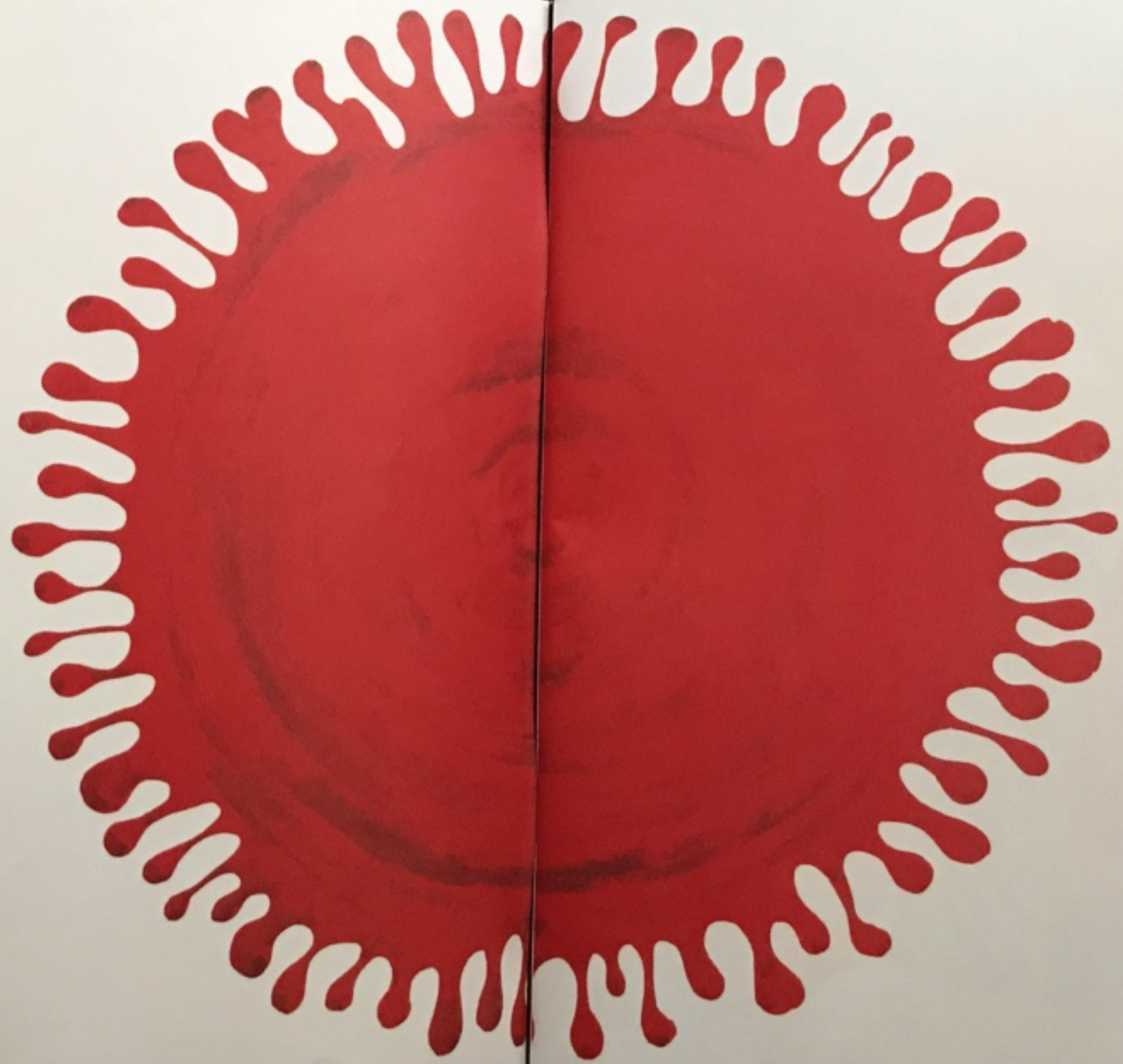


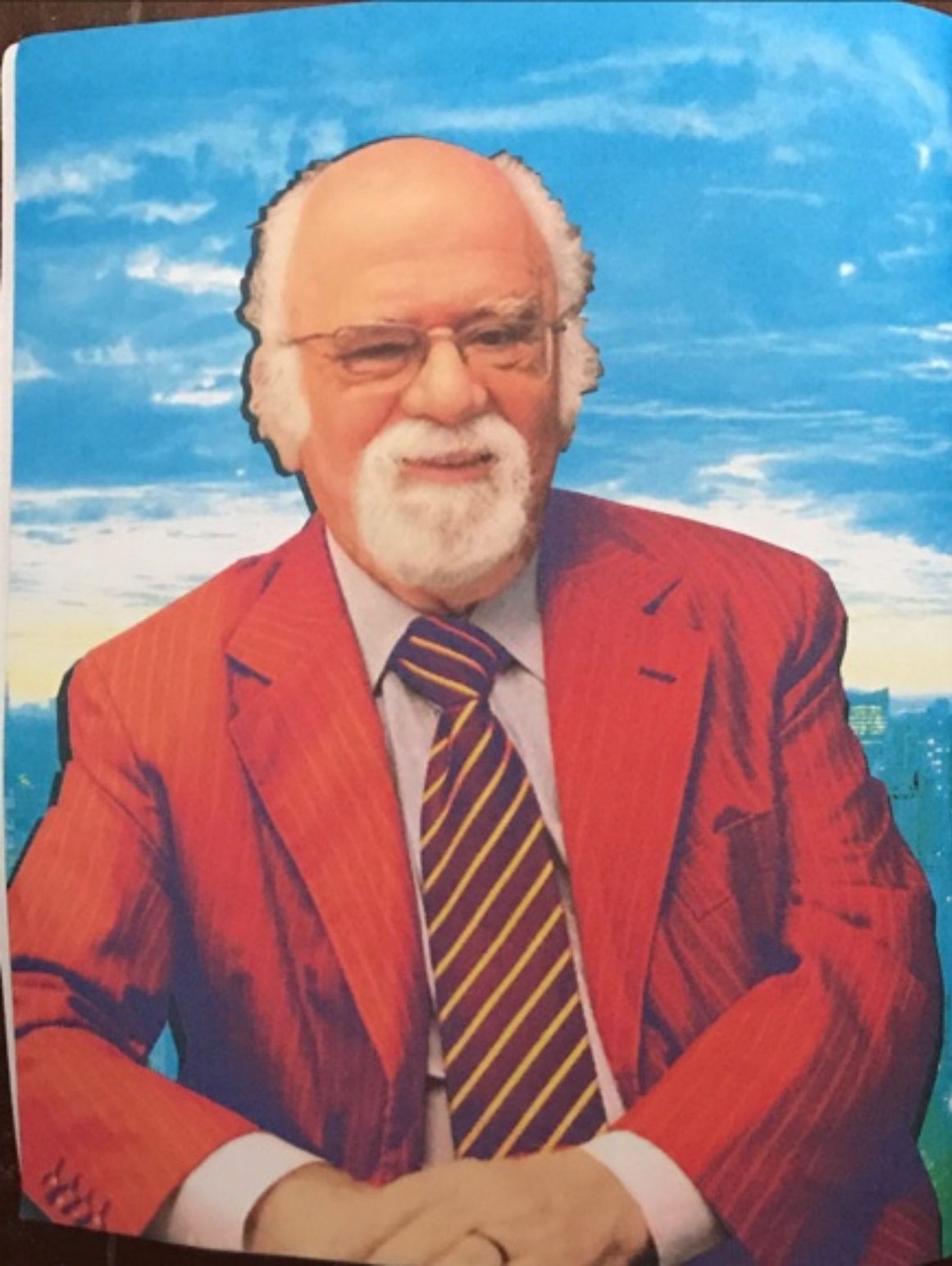


Sesc



O
REI
DA VE
LA





RASCANTE CENA

A construção da ideia de nação se dá num campo de disputas, onde agentes variados - políticos, intelectuais, empresários, movimentos sociais - buscam ampliar seu grau de influência. É visível a desproporção de forças em operação, o poder socioeconômico concentrando as ferramentas mais eficazes para privilegiar leituras de nação que lhe interessam. Porém, esse panorama revela, por vezes, topografias menos previsíveis: a heterodoxa mobilidade dos artistas torna esse quadro especialmente complexo.

É próprio da arte operar de modo enviesado, expressando-se sem receio por meio de contradições - propondo, em suma, discursos radicalmente distintos do pragmatismo cotidiano. Nesse sentido, talvez a arte reserve um ás oculto na manga: face a uma realidade arredia e, não raro, contraditória, qual a validade de interpretações pretensamente objetivas? Falemos de um mundo paradoxal - falemos da América Latina, falemos do Brasil.

Mesclas peculiares conformam a região: a convivência entre moderno e arcaico tensiona um território habitado por formas plurais de opressão e desigualdade. Desse panorama alimentou-se a Tropicália, movimento cultural que eclodiu em 1967: artistas de linguagens diversas embrenharam-se na circunstância regional, transformando ícones de brasilidade e fragmentos da indústria cultural em matéria-prima para a criação.

A versão do Teatro Oficina para *O Rei da Vela* foi um elemento-chave do fenômeno tropicalista. Além de lidar com a complexidade de um país onde público e privado se confundem num

mecanismo que gira em falso - provocando muito ruído, mas pouca energia -, a montagem de Zé Celso Martinez Corrêa evidencia a ascendência de Oswald de Andrade, autor da peça escrita em 1933: a antropofagia oswaldiana como metodologia para desmontar a aparente dicotomia poética-política.

Cinquenta anos após a histórica encenação do Teatro Oficina, o Sesc acolhe um novo encontro do diretor Zé Celso Martinez Corrêa e do ator Renato Borghi com *O Rei da Vela*. Um vetor conecta, desse modo, três tempos - o modernismo de Oswald, a experimentação tropicalista do Teatro Oficina e os dias atuais - e revela, sob a aparência de mudança contínua, incômodas permanências. As possibilidades de uma interpretação não convencional do presente que daí surgem são indícios da relevância da arte em tempos de desorientação.

Abordar o mundo em sua inteireza é igualmente assustador e necessário - visões fragmentárias não têm feito outra coisa senão diminuir as possibilidades de leitura crítica. Para o Sesc, manter espaços permanentes de pesquisa e difusão artística significa, para além de um estímulo à prática cultural, a ampliação do terreno de investigação do real, exercício que cabe a artistas e cidadãos.

Danilo Santos de Miranda
Diretor Regional do Sesc São Paulo



O REI DA VELA

21 OUT a 19 NOV 2017

SÁB 19h DOM 18h

Teatro Paulo Autran

Sesc Pinheiros

Sampã - Brazil

Em 2017 o Teat(r)o Oficina celebra os cinquenta anos da peça *O Rei da Vela* encenada no fogo das reviradas de 67.

Com direção de José Celso Martínez Corrêa, sua encenação é obra de arte plástica ao vivo no palco italiano. A montagem celebra também os oitenta anos de Zé Celso e de Renato Borghi que, juntos novamente contracenam com o artista Helio Eichbauer e seu magnífico cenário com palco giratório e telões pintados.

Escrito em 1933, pelo poeta Oswald de Andrade e publicado em 1937, o texto virou peça, virou filme e agora retorna peça. Atravessando o espaço-tempo na velocidade antropófaga *O Rei da Vela* devora em Paródia TragiCômicaOrgiástica

o Brasil Colônia que agora também retorna.

Sua primeira Encenação, sincronizada com a explosão da Tropicália, da Terra em Transe, do movimento de descolonização do Brasil na Primavera Cultural de 1967, em plena ditadura civil e militar teve o poder de se despedir da quarta parede do Palco Italiano, revendo toda a dramaturgia da história mundial através da devoração Poética de Oswald de Andrade.

Encenada hoje, esta Obra de Arte tem o poder de acender a vela da percepção no labirinto dos nossos cérebros, intestinos, sexos, corpos, e desperta o apetite de devoração deste estado de espera imposto pelas crises.

SINOPSE

No escritório de usura de Abelardo & Abelardo, o protagonista Abelardo I (Renato Borghi e Marcelo Drummond), banqueiro, agiota, o Rei da Vela, com seu domador de feras, o empregado socialista Abelardo II (Tulio Starling), subjagam clientes numa jaula - devedores, impontuais, protestados... Burguês, Abelardo negocia a compra de um brasão: casar com Heloísa de Lesbos (Sylvia Prado), que se vende como valiosa mercadoria para manutenção da família, falida

pela crise do café, no seletto grupo dos 5% da elite. Abelardo I, submisso ao capital estrangeiro do Americano (Elcio Nogueira Seixas), no terceiro ato leva um golpe de Abelardo II, que o sucede na manutenção da usura do capital. Ainda fazem parte do coro de protagonistas:

Zé Celso, Camila Mota, Danielle Rosa, Joana Medeiros, Regina França, Ricardo Bittencourt, Roderick Himeros, Tony Reis e Vera Barreto Leite.

COSMOLOGIA DA ENCENAÇÃO

O Rei da Vela foi uma desenfreada descoberta crítica do Brasil. Uma implacável e impiedosa revisão de valores que começava agredindo a nós mesmos, numa etapa de um vertiginoso processo de libertação de preconceitos e formação cultural colonizada. (...) *O Rei da Vela* foi uma forma de realizar uma radiografia do país, revelando sua podridão, seu tecido interno canceroso e assim mesmo resistente, porque se renovava em nossa passividade e em nosso ingênuo conformismo. Transformou-se assim numa bandeira radical, num manifesto político cultural, explosivo e criativo. Todo o irrefreável e desmedido vômito ganhou uma estrutura orgânica trabalhada em em seus mínimos detalhes.

Fernando Peixoto, ator, diretor, Abelardo II da montagem original, para a Revista Dionysos nº 26, especial sobre o Teatro Oficina - publicação do Ministério de Educação e Cultura, SEC - Serviço Nacional de Teatro, janeiro de 1982

1967, Flávio Império e Rodrigo Lefèvre entram em cena pra reconstrução do novo Teatro Oficina, destruído num incêndio, e muitas das descobertas da Arquitetura Nova (movimento criado com Sérgio Ferro) foram incorporados. O terreno da Jaceguay vira canteiro para repensar em ato a re-ligação entre a elaboração conceitual do projeto arquitetônico moderno e a construção na obra teatro em si, resultado de um diálogo contínuo entre arquitetos, o grupo de teatro e os construtores.

As paredes de alvenaria surpreendentemente sobreviventes da à catástrofe do incêndio se mantiveram. A expressão da arquitetura agora é sua infraestrutura, os restos de alvenaria preservados, testemunho da violação militar e casca bruta envolvendo o edifício sem adorno. Arquitetura nua, Bunker de resistência cultural, máquina de libertação da arquitetura. No interior, uma plateia de concreto espaçosa, com acessos laterais no nível da rua e um palco

inspirado no brechtiano Berliner Ensemble, sem mecanismos de ilusionismo, com palco giratório, circular e central, caixa preta exposta. O palco italiano está nu, sem coxias, sem vestimentas, sem cortina nobre, mantém a relação frontal entre palco e plateia, mas pelado.

Na voz de Zé Celso:

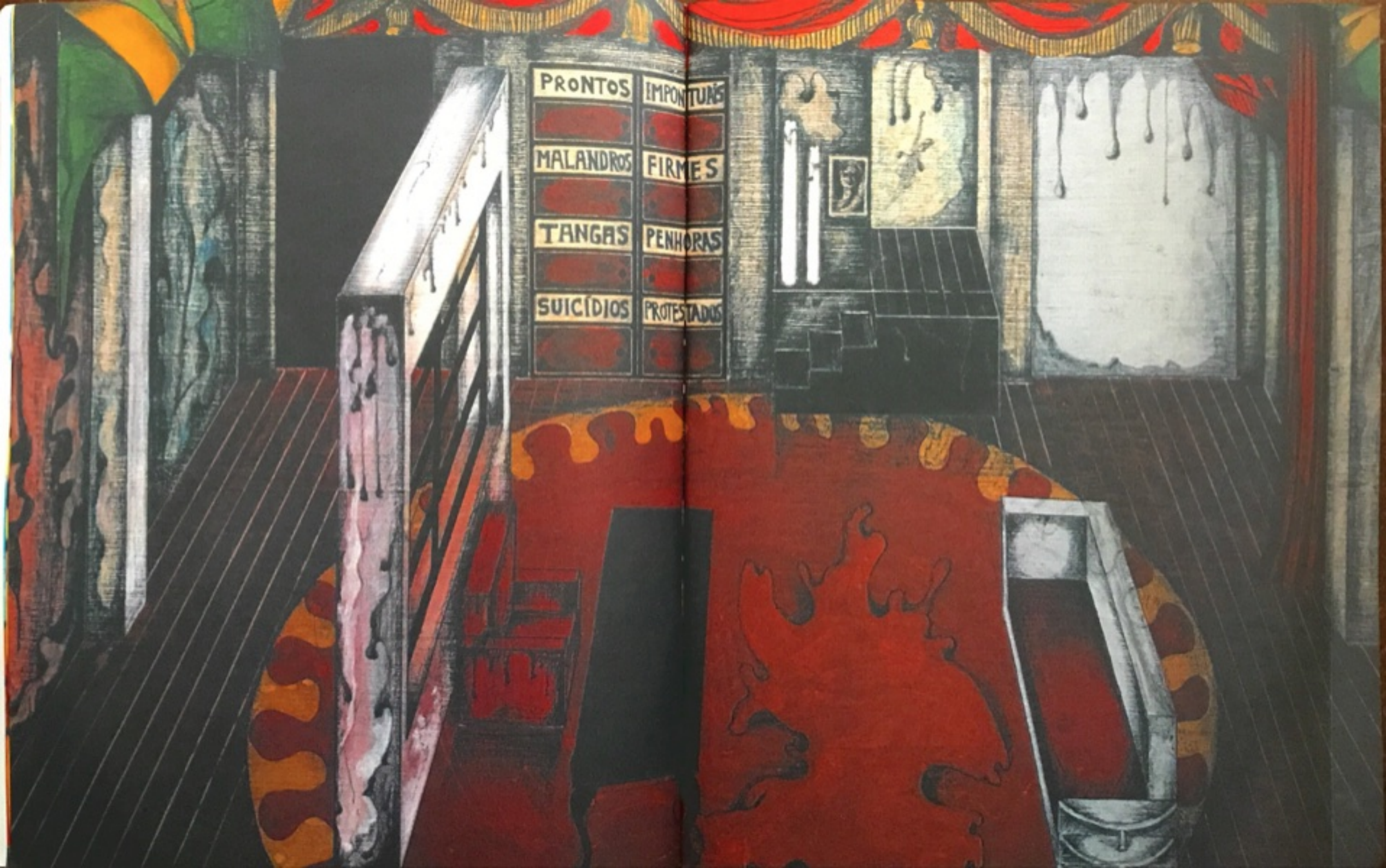
Flávio pôs a nu o palco italiano. Brecht dizia: *Mostre os refletores!* Flávio acrescentava: *Mostre tudo! Uma sala de tijolo e cimento. Uma escadaria. Um tablado.*

É nesse teatro que *O Rei da Vela* estreia, em setembro de 1967, para depois partir para temporadas de sucesso em cidades do Brasil e da Europa. No começo de 1968, a peça chega ao Rio de Janeiro, no Teatro João Caetano - na época com 1600 lugares na plateia - em uma temporada brilhante, que marca o ardor irresistível da Tropicália. Depois, a peça corre por Belo Horizonte - Teatro Marília -, Salvador - Teatro Castro Alves -, Recife - Teatro Princesa Isabel -, Belém - Teatro da Paz - e Manaus - Teatro Amazonas.

Na Europa, o espetáculo passou pela cidade italiana de Florença e pela francesa Nancy. Não havia tradução, legendas ou tradutores, mas as apresentações ligavam atores e plateia na eletricidade das insurreições da época. Em Paris, a estreia acontece no dia 12 de maio de 1968 e o que seria apenas o início de uma turnê pela Europa se transforma num retorno antecipado ao Brasil, após a capital francesa ser tomada pelas barricadas da revolução de maio.

Em 1971, junto com outras duas montagens do repertório da companhia, *Pequenos Burgueses* e *Galileu Galilei*, a peça circula na viagem *Utopia dos Trópicos* por dezenove cidades brasileiras em dez meses: Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Brasília, Goiânia, Salvador, Recife, Fazenda Nova (Nova Jerusalém), Mandassaia, Santa Cruz, Brejo da Madre de Deus, Garanhuns, Caruaru, Natal, Fortaleza, Crato, Juazeiro, São Luís, Belém e Manaus.





PRONTOS

IMPONTUOS

MALANDROS

FIRMES

TANGAS

PENHORAS

SUICÍDIOS

PROTESTADOS

A DRAMATURGIA DE OSWALD DE ANDRADE

Em que sentido a dramaturgia de *O Rei da Vela* rompe com a dramaturgia tradicional?

No sentido de recusar a ideia de uma "pré-ideia" do que deve ser uma peça. Uma peça de teatro, nos livros de dramaturgia, é ataque - conflito - clímax - resolução - catarse, ou mais ou menos isso, sendo a peça mais ou menos aristotélica. Teatro "é" assim ou assado.

Oswald esquece, ignora tudo isso. Parte para invenção do seu teatro: não linear, de colagem. Devora todas as formas dramáticas possíveis. Acreditando que a forma teatral é sempre expressão de um conteúdo, cita tudo o que pode citar. Usa formas teatrais e não

teatrais: circenses, literárias, sublitterárias... e expressa assim tudo que pretende. Não parte do ponto de vista que quer utilizar uma peça para expor linearmente uma ideia pressuposta, um tema, uma tese, ou seja lá o que for, como desenvolvimento de uma ação. Sua obra é o mais modernamente aberta possível, no sentido de Umberto Eco. É barroca, se intromete em tudo, dá palpites sobre tudo, devora e utiliza tudo. Um impurismo total. Sua única grande fidelidade se encontra no seu sentido anárquico de apreensão do mundo, utilizando não somente as coisas em si, mas as formas artísticas e subartísticas através das quais essas coisas se expressam. Em relação à dramaturgia brasileira, então, sua grande lição é a coragem da criação, a falta de medo do certo ou do errado, do mau ou do bom gosto, que faz com que ele invente seus próprios valores na sua própria obra.

Esta não tem preocupações de fidelidade a uma visão engajada conforme a cartilha de algum partido, não tem ortodoxia nenhuma. Não tem problemas de forma: entra com literatura, música, conferência, discurso, chanchada, obscenidade etc. Tudo é linguagem. Oswald fez para o teatro brasileiro tudo o que tem feito em todos os outros setores artísticos.

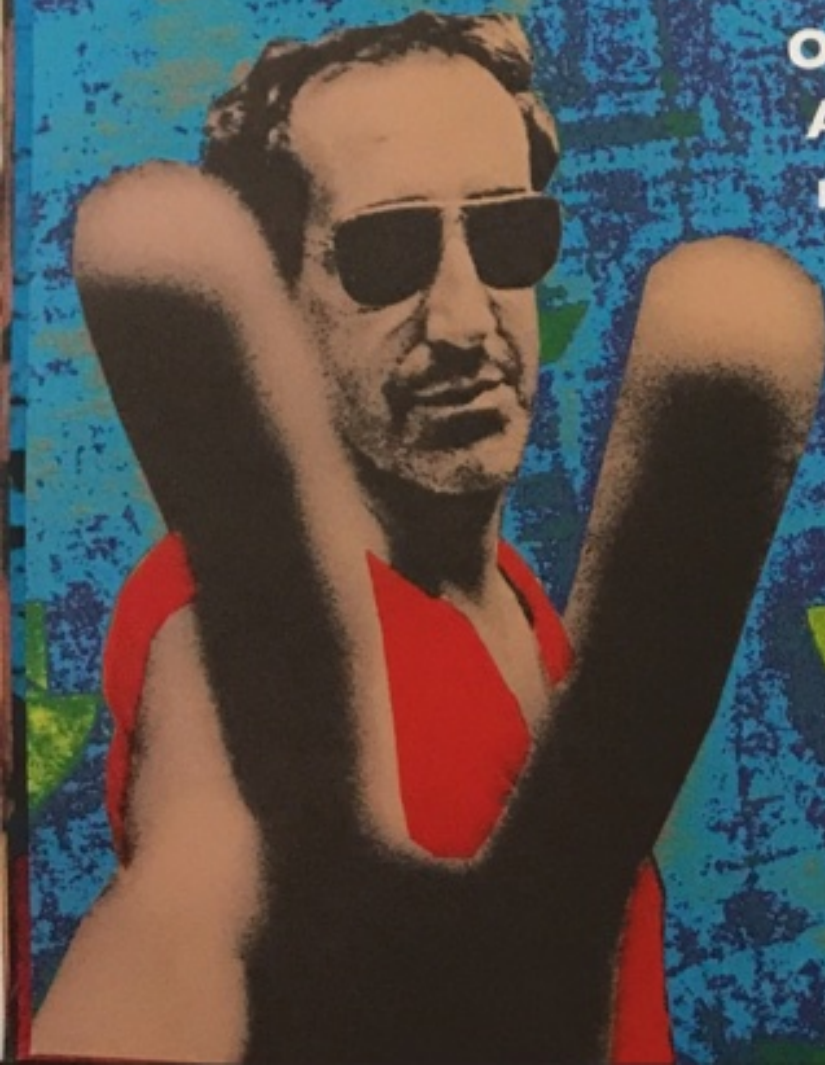
A eliminação de limites e barreiras nos gêneros, a intercomunicação geral. A arte colocando toda a experiência de significar o mundo e o mundo como experiência estética. Nesse sentido, ele descobre uma forma de expressão totalmente brasileira, um pop brasileiro quando ainda não se falava em pop.

Zé Celso em entrevista realizada por Tite Lemos, *aParte*, n° 1, TUSP, março e abril de 1968.



DESACOVARDAMENTO CORAJOSO NA PELE DELICADA DA CULTURA:

**O Rei da Vela,
Antropofagia
na Tropicália
há 50 anos**



O Poeta Antropófago Oswald de Andrade escreve a Peça em 1933 na ascensão do nazismo, facismo, stalinismo.

Publica em 1937, Início da 2ª Guerra Mundial, em q nascem, no mesmo dia 30 de março, os bebês Renato Borghi y José Celso Martinez Corrêa.

Como tudo se cria pra tudo y todos in Trío, em plena Guerra nasce, no dia 21 de outubro de 1941, outro bebê: Helio Eichbauer.

Crescem, conhecem-se y com muitos outros bebês já crescidos dão à Luz ao "Rei da Vela".

O Parto foi no chão do Palco Móvel do Arquiteto Artista Flávio Império, no re-Nascido das Cinzas do CCC: Teatro Oficina. Era uma Noite de 29 de setembro de 1967. Sentíamos q naquele Parto, a Terra em Transe q já tinha parido pela 2ª Vêz Glauber Rocha, era a mesma q terremoteava os quadros nas paredes q Hélio, o Oitícica, vestia em si pra sambar ParanGoleando, criando a Terra da Tropicália com chão de areia, TV, Bromélias, DesArmários Coloridos; Gilberto Gil Guitarreáva Elétrizado. Caetano Veloso na Platéia do Rei ia comendo a "Tropicália".

Oswald de Andrade o 1º Poeta Pós Moderno no Mundo, em 1928, não era mais Modernista, retornára à Antropofagia dos Burús, devorando-nos em 1967, nos comendo y sendo comido por toda nossa Geração.

DesColonizamo-nos y aquele Brasil foi junto desacovardado, comendo culturalmente a Ditadura Šivil Militar, trazendo o ano q é sempre sem tempo: 68, o ÉTHERno aqui agora...

Q sorte! Experimentar o q é viver uma Geração de Artistas, naquela Éra, quando "ninguém mais Éspéra y Desespéra Tudo em Flor" - Zé Miguel Wisnik cantemos ÉthernaMente a Tua-Nossa Primavera.

Renato Borghi ReVELA no Corpo Sopro Físico do Verbo o Poeta Oswald;

Zé Celso bota em Cena o Teatro de Entidade do Brasil Macumbeiro;

Hélio, Apolo, o Ruivo, embeleza 3 Atos em diferentíssimas belezas Tragicômicas Multicores, nos 3 diferentes Cenários de Artista, nos Figurinos a partir (como tudo q foi feito) dos desenhos de cada Atriz, Ator pras suas Múltiplas Entidades.

Re-Estrela, de novo na PRIMAVERA "O REI DA VELA 2017". 50 anos depois, um Organismo Vivo brota inevitável no momento mais TragiCômico da história, pelo menos destes dois Artistas de Teatro, q tem 80 anos, a mesma Idade da Publicação da Peça. Sentimos o q o Povo do Brasil está vivendo, submetido diariamente a Golpes como no "Terroros y Misérias do 3º Reich" de Bertolt Brecht. A Serpente já Saiu do Ovo.

ABELARDO 1º

(O Rei da Vela, quase Fim do 2º Ato)

"Tenho estudado melhor.

Somos parte de um Todo Ameaçado — o Mundo Capitalista.

Há um momento em que a Burguesia abandona a sua Velha Máscara Liberal. Declara-se cansada de carregar nos ombros os ideais de justiça da humanidade, as conquistas da civilização e outras besteiras! E Organiza-se como classe. Policialmente.

Esse momento já soou no Mundo, e implanta-se rapidamente nos países onde o povo está machucado, acovardado e dividido."

Mas Fernanda Montenegro, não como "Celebridade", mas totalmente inspirada com sua arte de atriz desse enfeitado - o teatro brasileiro, deu a chave destes tempos no Brasil, com a palavra Desacovardamento.

Traz a Ação em Toda Cena Brasileira.

Delicada, Tragicamente Emocionada, q se não cumprida, prenuncia com coragem sibilina, q vamos todos ter a pele arrancada.

A Obra Prima "O Rei da Vela" nestes 80 anos d existência, parida na ascensão dos nazismos, publicada na Declaração da Guerra Mundial, Retorna em Farsa do mesmíssimo momento q o Mundo, especialmente o mundo Brasil, está vivendo agora. Mas é a Peça de um Poeta Bardo, tupy-tu be.

É absolutamente Linda. É Arte mesmo. Paródia Poética Cò(s)mica de todos os Teatros onde se esconde nossa falta de coragem no PatriArca(l)ismo Escravocrata Brasileiro, no Retorno agora ao Nazismo Stalinista Hoje na Re-Colonização do Brasil, q descolonizamos in 1967.

Ensaio a peça ao mesmo tempo em q o Grupo SS, q Trágica Coincidência!!!, o Grupo Silvio Santos nos ameaça numa reunião do Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo, no dia seguinte à nossa Re-Estréia, dias 21 y 22, no Majestoso Teatro Paulo Autran do SESC PINHEIROS DE SAMPÁ.

No dia 23 deste Mês, a construção de Torres no Entorno Tombado do Teatro Oficina Terreiro Eletrônico será ou não decidida pelo Conselho do Condephaat. Mas, muito mais, por nós Lutadores da Arte da Cultura na Felicidade Guerreira pra Paz em todo Mundo.

Acusam, nós da "Associação Teatro Oficina Uzyna Uzona" de termos destruído o 1º Teatro Oficina, tombado "Historicamente" pelo Condephaat, para construirmos um Teatro Ilegal, isto é: a última Obra Prima de Arquitetura de Lina Bardí, q em seu Canto de Cisne, rimou com sua 1ª Obra: a Casa de Vidro no Alto de uma Floresta do Morumbi, voltada para os 4 cantos do Mundo, penetrada por uma Imensa Árvore em seu Centro. No Oficina, Lina rasgou um Janelão Imenso de Vidro, q Espelha como se pode ver das Galeria do Teatro, as próprias Grandes Peças q acontecem na Rua do Terreiro, dando

prás Catacumbas de Silvio Santos. Lá, no Jardim do Teatro, Lina Plantou uma Cesalpina há 25 anos atrás, q hoje atravessa o Janelão y vai dar sua Sombra nas Terras Sagradas do Entorno do Teatro Oficina, até hoje Propriedade Privada do Grupo SS.

O Advogado SS nos golpeou "Juridicamente", como está na Moda, alegando q não temos Contrato com o Estado de São Paulo, e q Este pode nos expulsar das Terras onde Cultivamos Teatro há 56 anos. Ainda soltando como Piada, o advogado SS, diz q o Condephaat poderia instalar-se ali, desde q Feche o Janelão Ilegal q dá pro Vizinho.

Pois é nessa situação q acontece a Re-Existência de "O Rei da Vela".

A Peça torna-se assim, nosso ENCORAJAMENTO maior q nunca na ARTE, q pro Grupo SS, nem é mencionada, não existe pra cegueira do Ódio Facista?! Tudo se resume numa questão de números \$ifrões. Fácil d Cortar, de Matar o Bode Judeu de Hoje:

A Arte y o Pobre!

Y toda esta história está ligada à Higieneização do Bixiga, onde parece q o Grupo SS terá o Monopólio do Genocídio dos "favelados", do povo popular talentosíssimo do Bairro - como a Lapa do Rio. Lá está o Umbigo Cultural d Sampá. Lá nasceram todos os Teatros Contemporâneos a partir do TBC - hoje ameaçado de privatização pra produção de Teatro Enlatado. Lá estão os Primeiros Terreiros Africanos.

Os índios expulsos de suas Terras embaixo do Minhocão.

Se não estivéssemos com "O Rei da Vela", energizando com sua força Telúrica, não estaríamos vivos.

A Insurreição na Arte do Teatro, como na Queda da Ditadura de 64, está presente. Nossa Maior Atriz como Cacilda Becker, Fernanda Montenegro, deu o suave sussurro trágico pra Cultura da Liberdade Magnetizar.

Pelas Artes Livres, nós o Povo Buru-Índigena, com seu sentido Sagrado da Terra, experimentado há milênios, avisando por seus Xamãs, por David Kopenawa, por exemplo, a Queda do Céu causada pelas mineradoras, provocadora de TerreMotos,

Encontramo-nos todas na Xamã Fernanda Montenegro, profeta de Péles arrancadas dos q persistirem na Destruição do Brasil y pior, dos brasileiros, isto é, todas as pessoas, povos do mundo q moram aqui.

A Cultura, Infra Estrutura do Organismo Vivo Terra, com nosso Cultivo não vai permitir q persista essa destruição à Moda do Estado Islâmico, q os Rentistas da Pirâmide, os Agro Negocistas, os \$peculadores SS, estão fazendo neste momento da Maior Desigualdade da História da Humanidade.

A TragiComédia Orgy chegou no eterno Retorno de "O Rei da Vela", Antropofagia de novo, na Tropicália. Sim, sem ismo, sem tropicalismo: Tropicália Antropófaga Acordada agora nesta Primavera de 2017 do Viva a Arte!

O Elenco das Novas Atrizes, Atores, Técnicos de "O Rei da Vela" desta Re-Existência de 2017, reVelarão seus Talentos Desacovardados nos dias y noites de Hoje.

José Celso Martínez Corrêa
Tupy or not to Be

12 de Outubro de 2017
dia q Colombo cobriu a América
mas também dos erês peladinhos...

MERDA



O ELENCO ENTREVISTA RENATO BORGHI

RICARDO BITTENCOURT

Renato, como lidar com os altos e baixos, tão frequentes na vida do ator, sem se desesperar?

Já houve alguma política pública eficiente para o Teatro nestes tantos anos de sua trajetória nos palcos brasileiros?

Ricardo, só uma vocação verdadeira e inevitável resiste a essa montanha-russa. Não me lembro de nenhuma política pública de apoio às artes cênicas realmente eficiente. Durante muitos anos, por incrível que pareça, nossa garantia de permanência e continuidade foi dada pela resposta do público. A bilheteria, antes do desmonte da Era Collor, foi nosso suporte e alimento diário.

DANIELLE ROSA

Você nasceu no mesmo ano de publicação do texto *O Rei da Vela*, atuou na montagem do Oficina em 67. Hoje, depois de atuar em inúmeros projetos, desde *Chá e simpatia*, passando por *Incubadeira*, *Pequenos Burgueses*, *Galileu Galilei*, *Na Selva das cidades* e tantas produções, qual a importância de fazer *O Rei da Vela* em 2017 e reestrear como Abelardo?

Dani, infelizmente, *O Rei da Vela* atravessou os cinquenta anos seguintes a sua estreia mostrando-se cada vez mais vigente e revelador. Oswald sacou o DNA do Brasil.

TULIO STARLING

Entre a estrutura interna das ações e as texturas de movimento sonoro, visual, vibrátil do corpo não dever haver muita separação... Certo? Quando essa estrutura interna de ações não se separa muito dessas texturas se usa geralmente o jargão de um papel "orgânico" no corpo de um ator. No processo de ensaio, quando o ator está se aproximando do papel, essas instâncias que defini não ficam imediatamente coesas. O texto e as ações físicas são substâncias que podem ir juntando tudo. Nada lineares, esses caminhos são, sim, um tanto caóticos... Portanto, em meio a esse caos criativo, o que fazer? Como fisgar o papel? Como ir escavando e descobrindo esses aquíferos de emoções de um personagem ao mesmo tempo que se acham seu corpo, seus

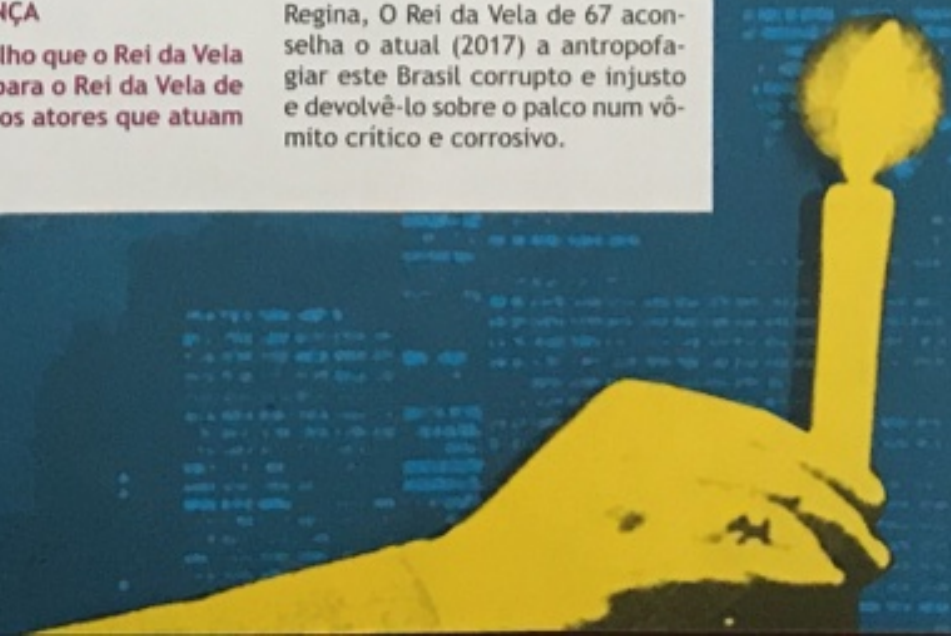
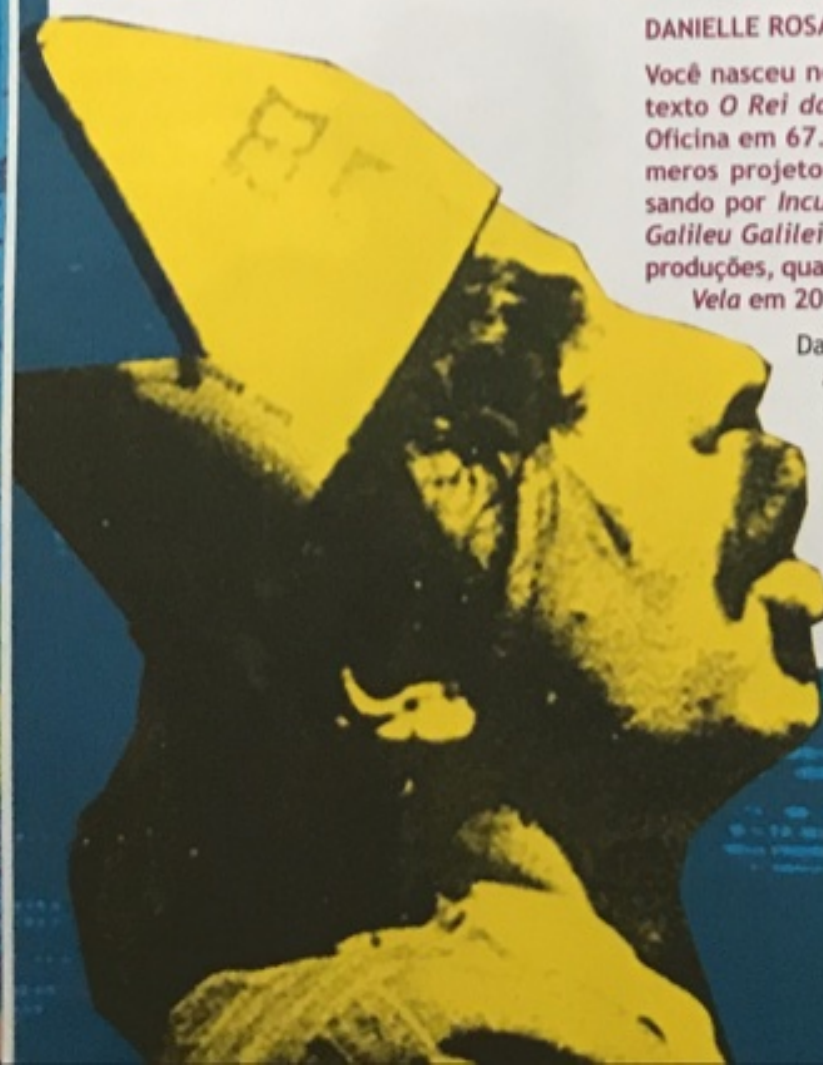
ritmos e falas? Em suma, como você lida com esse "tudo-isso-ao-mesmo-tempo-agora"? Tem uma ordem para você?

Tulio, 1. Mergulhar de cabeça no texto. Compreender o que o autor quer comunicar e o que você mesmo deseja comunicar; 2. Um profundo sentimento de mundo; 3. Imaginar a personagem que você tem a sua frente em seus momentos mais prosaicos: comendo, dormindo, se olhando no espelho, dando bombons aos bagres, apaixonado, reprimido, recusado. Para criticar a personagem, é preciso primeiro integrá-la; 4. Não cumprir tarefa; 5. Relaxar a tensão muscular e permitir que a experiência viva que você procurou durante os ensaios possa percorrer seu corpo, navegar por suas veias e liberar o momento mais precioso: a Inspiração, nenhuma religião.

REGINA FRANÇA

Qual o conselho que o Rei da Vela de 67 daria para o Rei da Vela de 2017 e para os atores que atuam em 2017?

Regina, *O Rei da Vela* de 67 aconselha o atual (2017) a antropofagiar este Brasil corrupto e injusto e devolvê-lo sobre o palco num vômito crítico e corrosivo.



CAMILA MOTA

Renato, as peças e personagens te provocam manias/ ritos que você incorpora na vida durante o tempo em que vive essas entidades? Se sim, quais são as de agora? Alguma veio da primeira montagem?

Camila, é um rito permanente. Dar passagem à personagem. Muita imaginação. Abelardo dorme e acorda comigo. Não consigo desligar. Ele volta a cada instante. Meu corpo vai assumindo o ca-fajestismo dos políticos e empresários de hoje. A observação do comportamento do brasileiro de classe média dos tempos atuais também é uma fonte preciosa de informação.

RODERICK HIMEROS

Qual é a vacina antropofágica que você aplica nesta geração de atores, cinquenta anos depois da primeira encenação de *O Rei da Vela*?

Roderick, representar é um dos maiores prazeres da raça humana. Sejam livres. Presentifiquem. E, principalmente, divirtam-se. A gente sofre, mas se diverte.

ZÉ CELSO

? ReNATO como está sendo pra você nosso Reencontro Teat(r)al depois de 44 anos?

Zé, você me desperta uma alucinante sede de representar. Somos obsessivos. Nesta obsessão criativa, nós nos entendemos tão bem como há 44 anos.

SYLVIA PRADO

Dia desses, você falou sobre o mergulho no texto e a descoberta de um novo subtexto pra um trecho específico. Queria que você falasse sobre a memória e a imaginação. Quais seus subtextos de Abelardo hoje?

Sylvia, os subtextos estão na vida presente, no que está acontecendo agora no Brasil, em como eu reajo às notícias e ao fatos novos, como o Renato/Abelardo reacionário experimenta as tendências direitistas de hoje e como Renato/Abelardo que sonha com alguma revolução nua, apesar de tudo, uma esperança que resiste mais que meu próprio corpo.

JOANA MEDEIROS

O que é tão revolucionário quanto o teatro na história da tua vida? Existe algo, tanto quanto?

Joana, nada foi tão mobilizante quanto o Teatro na minha vida, nenhuma militância a ele se compara.



EQUIPE ENTREVISTA HELIO EICHBAUER

LUIZ HENRIQUE SÁ

Helio, muito já foi falado e escrito sobre sua cenografia para *O Rei da Vela*. Existe algo ainda inédito, alguma história, técnicas de pintura, bastidores, processo de criação com a equipe de 67?

A equipe de 67 foi formada a partir do teatro em construção, acompanhávamos os trabalhos com a presença querida do Flávio Império e do rapaz que construía o palco giratório. O cenário da peça foi concebido para aquela arquitetura.

A parte pintada foi realizada na cúpula do Teatro Municipal de São Paulo pelo cenógrafo Francisco Giachieri, fiz a maquete e ele ampliou, pintura de arte sobre lona. Estávamos diariamente em sintonia, elenco e técnicos.

Quando Zé Celso, Renato Borghi e Fernando Peixoto te encontraram em Praga em 65/ 66, o *Rei* já existia em pensamento? Algo já brotava àquele momento?

Algo sempre brota entre gente de teatro.

Como surgiu a ideia das três seções distintas: realismo crítico, revista e ópera?

A partir dos ensaios de mesa. Guardo as primeiras anotações.

Construção a partir das Montagens de Atrações de Sergei Eisenstein e do teatro dos futuristas.

Realismo crítico brechtiano, teatro de revista e ópera italiana, cada qual com sua estética.

Sobre o célebre grafismo do segundo ato: você já o havia usado antes?

Era pintor antes de optar pelo teatro, pintava triptícos figurativos com cores tropicais.

O que há de Praga e o que há de Havana no escritório de Sampa e na ilha da Guanabara?

De Praga o construtivismo, a teatralidade eslava, e de Havana a cor e o ritmo cubano, a lembrança dos cenários de papel pintado das revistas da Praça Tiradentes.

CARILA MATZENBACHEL

Como era sua relação com a Cia Teatro Oficina em 67? Como foi o processo de trabalho da montagem do *Rei*? Você acompanhava todos os ensaios? Como era a relação com os atores?

Acompanhava os ensaios e produzia a cenografia, construía os objetos de cena com o ator Renatinho Dobal e visitava as costureiras, criei o bonecão com restos de uma rotunda velha que escapou do incêndio do Oficina..

Relação amor-humor com os atores com quem tinha já partilhado o palco de *Andorra*, de Max Frisch.

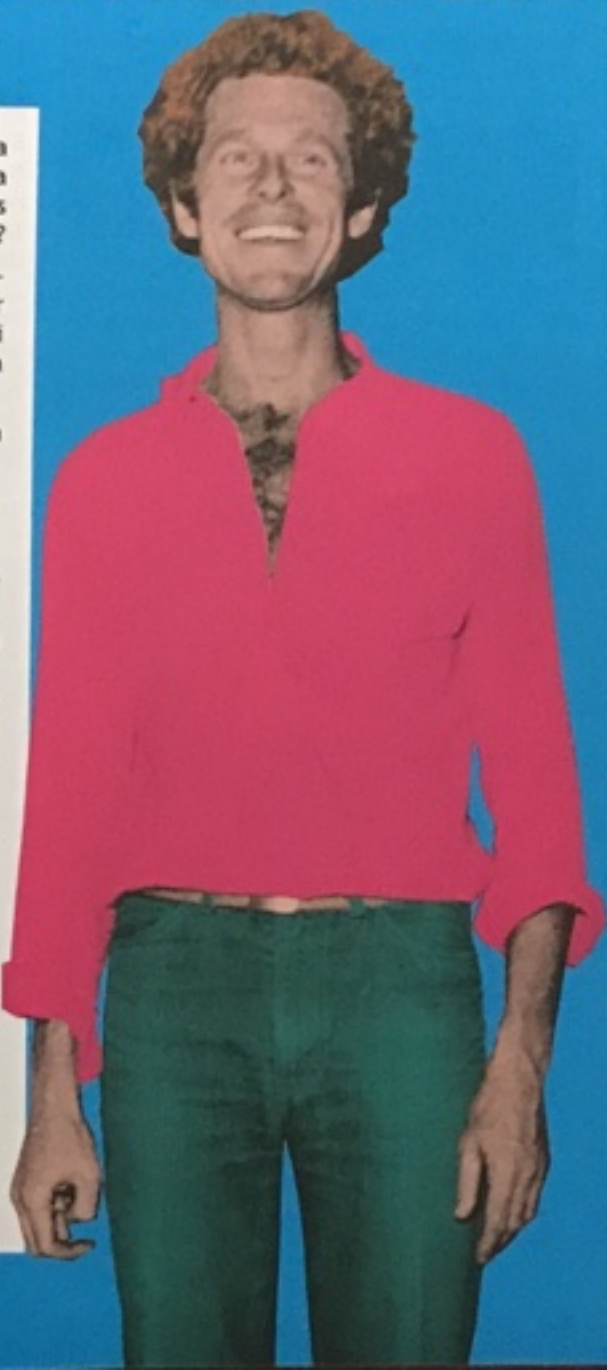
Qual a diferença entre cenografia e arquitetura cênica?

É tudo construção. Os franceses chamam a arquitetura cênica de *Dispositif Scénique* e a cenografia de *Décor*. Entre abstração geométrica e figuração pictórica, grafismo. O importante mesmo são as mãos dos operários.

Como você adaptaria o *Rei* de 2017 para o espaço do Teatro Oficina de Lina Bardi e Edson Elito?

Como um cortejo de ricos e maltrapilhos, proletários e burgueses escapando de um incêndio fenomenal, amparados por bombeiros palhaços, chefiados por Chaplin, Keaton e Piolim. Algo assim, circense, construtivista, biomecânico. Trampolins e camas elásticas. Atuar na corda bamba como nós hoje.

O Rei da Vela de 67 foi criado para um palco à italiana, com o urdimento aparente, numa arquitetura despojada do genial Flávio Império.



GABRIELA CAMPOS

Décadas após a primeira encenação de *O Rei da Vela*, os desenhos originais de figurino estão sendo reproduzidos. Você acredita que alguns personagens serão ressignificados a partir de olhares dos tempos de agora? Essa revisão, esses novos significados, podem ser incorporados a uma nova representação estética de algum deles?

Creio que sim. Os figurinos foram criados a partir de uma intimidade com os atores em ensaio, uma cumplicidade afetiva. Alguns personagens, sim, podem ser ressignificados, o mundo mudou em cinquenta anos (pro bem e pro mal). Revendo meus desenhos e fotografias, continuo acreditando neles, o teatro de prosa brasileiro ainda não tinha ousado tanto e descaradamente, a não ser no Teatro de Revista e nas chanchadas. Os palhaços eram destemidos, os atores sérios comportavam-se discretamente como mandava o figurino engajado, o politicamente correto da época. No entanto, *O Rei* era altamente revolucionário!

De que maneira foi estudado e pensado o uso das cores, tanto nos cenários como nos figurinos de *O Rei da Vela*?

Os figurinos eram ambíguos, híbridos, sexuais, parte do corpo, pudico e abaixo da cintura (abaixo do Equador...), exposto como as vedetes, a pedido do Zé Celso. A Frente Única Sexual de Oswald de Andrade desfilando no tombandinho de uma caravela. As cores da bandeira do Brasil, as de São Paulo, as da bandeira americana, o terno branco dos políticos dos anos 1930...

Os desenhos de maquiagem idealizados por você são fundamentais na criação das caricaturas dos personagens sociais transpostos para a cena por Oswald. Gostaria de

saber um pouco mais sobre o processo de criação dessas máscaras.

As máscaras pintadas (personas) foram inspiradas nas dos palhaços, nas maquiagens do teatro expressionista, nas do teatro russo de vanguarda e nas do espetáculo de Brecht, Arturo Ui, no Berliner Ensemble, com direção maravilhosa de Manfred Wekwerth que frequentei durante meu aprendizado em Praga. Ali, até as mãos das personagens eram pintadas.

No Oficina eu mesmo pintei os rostos dos atores com traços característicos (lápis preto), ressaltando o gestus de cada personagem, como fizera o Chaplin em suas comédias, e a partir daí cada ator redesenhou sua máscara.

MARÍLIA GALLMEISTER

Quais foram as referências mais fortes que inspiraram a criação do cenário dos três atos de *O Rei da Vela*?

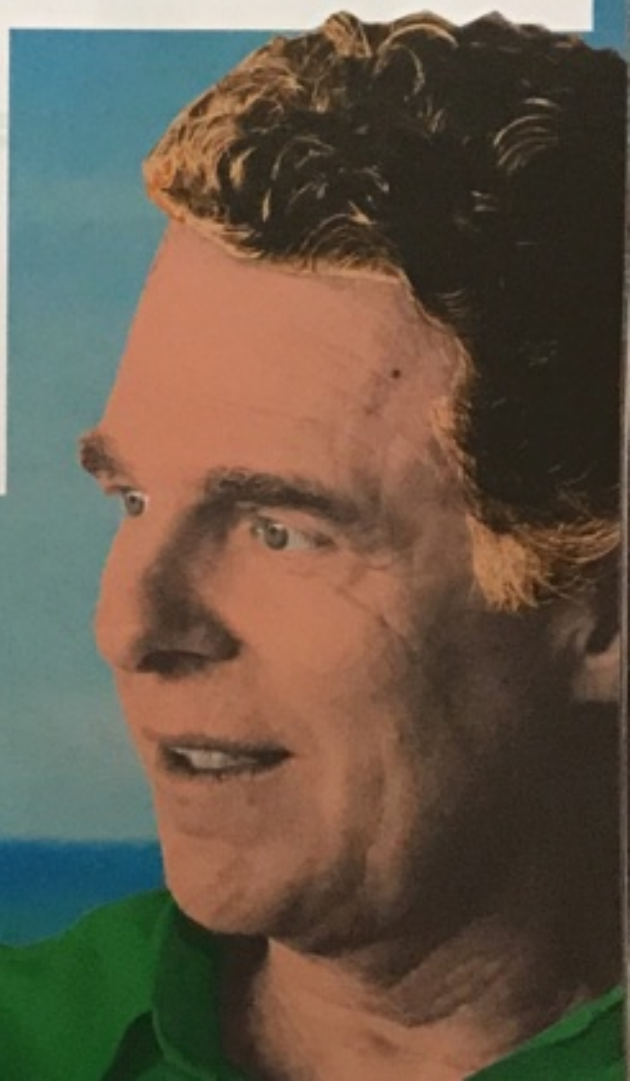
Anita Malfatti, Lasar Segall, Tarsila do Amaral, a Casa Modernista e móveis de Grigori Warchavchik, o *Arturo Ui* de Brecht que assisti no Berliner Ensemble, a invenção da vanguarda russa (sempre), circos, o cinema mudo e muito do expressionismo alemão.

Como foi a transposição da experiência vivida com Josef Svoboda e todas as referências das vanguardas russas que ele incorpora para a experiência da anarquia plástica que foi *O Rei da Vela*?

Não foi anárquico, foi intuitivo e também muito rigoroso. Os atores daqueles tempos eram cultos, aplicados e entusiasmados (sentido grego), dionisíacos e apolíneos (Apolo louco), a TV sem cor, nada de computador, muito cinema (*O Rei* foi dedicado à *Terra em Transe* do Glauber Rocha). Estávamos transidos, mas sabíamos quem eram os inimigos. Líamos.

Como você interpreta a antropofagia neste trabalho e, depois de atravessar esta experiência, na sua vida?

O Rei da Vela despertou a fome em muita gente, vários espetáculos, cinema, artes plásticas foram criados a partir daquela data, chacoalhou o teatro brasileiro. Regurgitamos tudo que havíamos devorado: uma cultura de voragem desde o Descobrimento.



email da Fernanda pro Zé 14 OUT 2017



O Brasil tem um veio de referências cultural e existencial pelo qual o rumo a seguir nos é conscientizado: Gregório de Mattos, Villa Lobos, Oswald de Andrade, Nelson Rodrigues, Glauber Rocha.

Nessa linhagem está Zé Celso. O que os liga? Um clamor, um convocar, um convulsionar, um amar. E mais que amar: proclamar. Esse agir vem de uma alucinada herança ibérica, barroca, mítica, onde, no sagrado e no profano, nós nos perdemos, nos achamos. E nos salvamos.

O Zé pertence a essa temperatura, a essa pulsação. Um ser extremamente energizado, fustigante, ardido de tanta lucidez, onde a paz do conformismo, em pânico passa ao largo. O Zé tem, com relação ao Brasil, uma obstinação cultural, existencial de lobo faminto. É um ermitão que não prega no deserto. Aliás, onde o Zé prega não há deserto. Acompanho suas declarações, suas fotos, leio suas entrevistas, admiro suas barbas, seu cajado, seus olhos de vidente. O Zé é um transformador.

A partir do Bexiga e do Oficina (esses espaços, no meu entender, são um só) o Zé se espalhou por muitas zonas e muitas gerações. A partir desse Bexiga, dessa Oficina, o Zé nos traz o desassossego mais provocador, mais tronitante, mais triunfante de São Paulo e do Brasil culturalmente falando. O Oficina dá ao Bexiga a dimensão da inquietação da Arte na vida e projeta esse bairro à altura da Cidade de São Paulo e do País. O Oficina é um marco histórico, cultural, visceral de uma Cidade, de um Estado.

O que pretendem por no lugar? A desgraça do nada? A lama do nada?

“Das profundezas clamamos por vós Senhor. Senhor, ouvi as nossas vozes. Se observardes as iniquidades, Senhor, quem subsistirá?”

Fernanda Montenegro

e-mail do Zé pra Fernanda 15 OUT 2017

Amada muito Amada Atriz
Fernanda Montenegro

estou muito emocionado com seu seu email corajoso, dando muita força à minha pessoa, às pessoas com quem trabalho y crio; à Arquitetura Urbana do Teatro Oficina Terreiro Eletrônico de Lina Bardi y Edson Elito; ao Bairro Popular do Bixiga onde como em Vila Isabel, dá Samba y Teatro.

Estamos vivendo o instante em q o Grupo SS ameaça de extinção à Nós do Oficina y ao Bixiga, através da ação movida por seu “Juridico”: seu Advogado q inventou uma Ficção em Juridiquê\$, movido à Ódio q será julgada dia 23 de Outubro pelos Conselheiros do CONDEPHAAT .

Suas palavras Fernanda, me abraçaram, como a transmissão afetiva desta palavra q você pos em circulação: “desacovardamento” .

Vou te contar: tenho feito um esforço enorme, mas em vão, nas inúmeras entrevistas q tenho dado sobre a Re-Estrela de “O Rei da Vela”, pra q esta ação Nazista q ameaça de destruição do Teatro Oficina venha ao Conhecimento Público y não se concretize dia 23.

A surdez ensurdecadora sobre o assunto, demonstra como um

Teorema q não somente Políticos, mas Jornalistas amigos, também precisam se posicionar, diante de sua palavra chave pra desvovdução deste momento Facista: de seu próprio DESACOVARDAMENTO.

Você Fernanda, com sua Carta desta tarde de 14 d Outubro, libertou meu corpo animado de todo sofrimento de estar impedido de comunicar ao meu mundo mais proximo y ao Mundo do Tudão, o q não quero q aconteça na Audiência do dia 23 no Condephaat.

Sua Paixão de Teatro, com sua Oração final, me fez Ressucitar ao me confirmar q não estamos sós,q estamos vendo, lutando juntos, diante das ameaças cada vez mais violentas do Terror y das Misérias da Serpente Na\$Zista saída do Ôvo no Bra\$il de Hoje.

Cada dia conta séculos, até dia 23 no Condephaat. Tudo vòa ...

Mas esta Tua Carta ,nosso clamor pela Cultura da Liberdade q é o da Arte q sabemos fazer,virá a tona até o dia D: no dia seguinte da Re-Estrela de O Rei da Vela: dias 21 y 23 (67 anos da Eternidade de Oswald de Andrade)

Desde já conto com sua Presença no Sesc Pinheiros y de muitos Artistas q estão lutando pela Arte de Vivermos Livres dessa onda de lata de conserva podre.

Zé Celso

Exú, Senhor das Artes Cênicas
Laroié



RENATO BORGHI



ABERLADO I

Não. Foi você que quebrou. Ladrão de primeira viagem! Fez bem! Pouparemos a luz elétrica. A conta do mês passado foi alta demais! Acenda todas as velas! Economia em regressão. As grandes empresas estão voltando à tração animal! Estamos ficando um país modesto. De carroça e vela! Também já hipotecamos tudo ao estrangeiro, até a paisagem! Era o país mais lindo do mundo. Não tem agora uma nuvem desonerada... Mas não irá ao suicídio... Isso é para mim.

1967 a 71 Renato Borghi
2017 Renato Borghi, Marcelo Drummond

TULIO STARLING



ABELARDO II

A burguesia só produziu um teatro de classe. A apresentação da classe. Hoje evoluímos. Chegamos à Espinafração.

1967 e 68 Fernando Peixoto
1970 José Wilker
1971 José Wilker

SYLVIA PRADO



HELOÍSA DE LESBOS

Enfim... aqui estou... negociada. Como uma mercadoria valiosa...
Não nego, o meu ser... mal-educado nos pensionatos
milionários da Suíça, nos salões atapetados de São Paulo...
vivendo entre ressacas e preguiças, aventuras...
não pôde suportar por mais de dois anos a ronda da miséria...

1967 Ítala Nandi
1968 Dina Sfat
1970/71 Esther Góes

REGINA FRANÇA



DONA CESARINA

Seu Abelardo, não me olhe assim! Eu sou ligada pelo mais doce
dos sacramentos ao mais digno dos esposos. Não! Nunca! A vida
de uma esposa tem que ser uma renúncia, um sacrifício, uma
purificação! Por mais dolorosa...

1967 Ety Fraser
1968 Iolanda Cardoso
1970 Maria Alice Vergueiro
1971 Cecília Zabelo

ZÉ CELSO



DONA POLOQUINHA

Desde quando que a humanidade é um pedaço de marmelada, Seu Abelardo?
Eu defendo o meu ponto de vista de tradição, família e propriedade
Intransigentemente.

1967 Dirce Migliaccio
1968 e 70 Henriqueta Brieba
1971 Renato Dobal

CAMILA MOTA



JOÃO DOS DIVÃS

São uns miseráveis! Se não fosse o teu rei estava eu ainda gastando o meu
francês de Sion nos apartamentos e nos hotéis. E rolando de barata, fazendo
força contra as midinettes... Umas safadinhas... à toa...
Eu sou uma lady, porra!
Eu quero uma mulher pra vestir de roxo-batata! Alucinante! E com chelpa!

1967 Liana Duvall
1968, 70 e 71 Tessa Calado

TULIO STARLING



TOTÓ FRUTA DO CONDE

E onde fica a educação, Seu Abelardo? Onde ficam as convenções, os preconceitos sociais, as diferenças de origem e de classe... Tudo isso que torna o mundo delicioso. (Geme) Me trair com uma mulher do Mangue! Do Mangue, sim. Foi um cataclisma. Os peixes me assaltam, o mar me enerva, a paisagem me amorfina. Eu sou uma vagabunda!

1967 Edgar G. Aranha
1968, 70 e 71 Carlos Gregório

RODERICK HIMEROS



PERDIGOTO

Fora de brincadeira. A situação obriga a isso. Organizemos uma milícia patriótica. Que acha? Nos instalaremos provisoriamente na Casa Central. Combinaremos com os outros fazendeiros. Arrolaremos gente, a capangada está sempre pronta... Será o nosso quartel-general. E se a colônia der um pio...

1967 Otávio Augusto
1968, 70 e 71 Cláudio Macdowell

ELCIO NOGUEIRA SEIXAS



O AMERICANO

Oh! Good Busine\$\$!

1967 e 68 Abrahão Farc
1970 e 71 Flávio Santiago

RICARDO BITTENCOURT



O CLIENTE

Mas eu fui pontual dois anos e meio. Paguei enquanto pude! A minha dívida era de um conto de réis. Só de juros eu lhe trouxe aqui nesta sala mais de dois contos e quinhentos. E até agora não me utilizei da lei contra a usura.

1967 Francisco Martins
1968, 70 e 71 Cláudio Macdowell

RICARDO BITTENCOURT



O INTELLECTUAL PINOTE

Imagine se vocês que escrevem fossem independentes! Seria o dilúvio! A subversão total. O dinheiro só é útil nas mãos dos que não têm talento. Vocês escritores, artistas, precisam ser mantidos pela sociedade na mais dura e permanente miséria! Para servirem como bons lacaios, obedientes e prestimosos. É a vossa função social!

1967 Edgar Gurgel Aranha
1968, 70 e 71 Carlos Gregório

DANIELLE ROSA



A SECRETÁRIA

Preciso que o senhor melhore o meu ordenado.
O custo da vida aumentou no Brasil de 30%.

1967 Liana Duvall
1968 e 70 Maria Alice Vergueiro
1971 Cecília Rabelo

TONY REIS



ÍNDIO DAS BOLACHAS AYMORÉ
Tupy or not tupy. That is the question.

1967, 68, 70 e 71 Renato Dobal





FICHA TÉCNICA

TEXTO: OSWALD DE ANDRADE
DIRETOR: JOSÉ CELSO MARTINEZ CORRÊA
CONSELHEIRA POETA: CATHERINE HIRSH
ASSISTENTE DO DIRETOR: CYRO MORAIS

ELENCO: RENATO BORGHI, MARCELO DRUMMOND, TULIO STARLING,
SYLVIA PRADO, CAMILA MOTA, REGINA FRANÇA, JOSÉ CELSO MARTINEZ CORRÊA,
RODERICK HIMEROS, ELCIO NOGUEIRA SEIXAS, RICARDO BITTENCOURT,
DANIELE ROSA, TONY REIS, JOANA MEDEIROS, VERA BARRETO LEITE

PONTO: NASH LAILA

CANÇÃO DE JUJUBA: letra de OSWALD DE ANDRADE e música de CAETANO VELOSO

DIRETOR DE ARTE: HÉLIO EICHBAUER

ASSISTENTE DO DIRETOR DE ARTE: LUIZ HENRIQUE SÁ

ARQUITETURA CÊNICA: CARILA MATZENBACHER e MARILIA GALLMEISTER

DIRETOR DE CENA: OTTO BARROS

CONTRARREGRA: VINICIUS ALVES

CENOTÉCNICO E CONTRARREGRA: ALICIO SILVA

COSTURA CENOGRÁFICA: ONEIDE CAUDURO

ADERECISTAS: IGOR ALEXANDRE MARTINS e ANDREA GUZMAN

CRIADOR DO BONECÃO ABELARDO I: RICARDO COSTA

CRIADORA DA COBRA DE ABELARDO I: LALA MARTINEZ CORRÊA

PINTURA ARTÍSTICA: VICENT GUILNOTO

FIGURINISTA: GABRIELA CAMPOS

ASSISTENTE DE FIGURINO: MARCELA LUPIANO

ESTAGIÁRIO DE FIGURINO: LUCAS ANDRADE

ADERECISAS: ANDREA E IGOR

ALFAIATE: LELLO

COSTUREIRAS: JUDITE DE LIMA, CRIS MIKE, JOANA, SALETE

SAPATEIRO: DAVI E PORTO FREE SAPATARIA

ASSISTENTES DE FIGURINO: MARCELA LUPIANO e LUCAS ANDRADE

CAMAREIRA: CIDA MELO

MAQUIADORA: BEATRIZ SERGIO DE BARROS

ILUMINADOR: BETO BRUEL

OPERADOR DE LUZ: RICARDO MORAÑEZ

OPERADORES DO CANHÃO DE LUZ: LUANA DELLA CRIST e PEDRO FELIZES

MONTAGEM DA LUZ: PEDRO FELIZES e RENATO BANTI

SONOPLASTA: ANDRÉIA REGENI

OPERADOR DE SOM E MICROFONE: RODOLFO YADOYA

DIRETOR DE VÍDEO / CÂMERA: IGOR MAROTTI

CÂMERA: CAFIRA ZOÉ

ESTRATEGISTAS DE PRODUÇÃO: CAMILA MOTA, MARCELO DRUMMOND e ZÉ CELSO

DIRETORA DE PRODUÇÃO: ANA RUBIA MELO

PRODUTOR EXECUTIVO E ADMINISTRADOR: ANDERSON PUCHETTI

ASSISTENTE DE PRODUÇÃO: EDERSON BARROSO

COMUNICAÇÃO: BRENDA AMARAL, CAFIRA ZOÉ e CAMILA MOTA

PUBLICIDADE: IGOR MAROTTI

PROGRAMAÇÃO WEB: BRENDA AMARAL

PESQUISA DE IMAGIÁRIO | MAKUMBAS GRÁFICAS: CAFIRA ZOÉ e CAMILA MOTA

ARQUIVISTA: THAIS SANDRI

criação e execução do programa

design gráfico, ilustrações e diagramação: IGOR MAROTTI

desenhos dos cenários e figurinos: HÉLIO EICHBAUER

edição e textos: BRENDA AMARAL, CAFIRA ZOÉ e CAMILA MOTA

fotografias do elenco 2017: JENNIFER GLASS

apoiaadores academia plana, leitor recortes, hb hotels ninety,
j.r malabaris os restaurantes pimenta romã, cantina e pizzaria piolin,
planeta's, cantina luna di capri, apfel vegetariano e vegano, spot, ritz

o conteúdo desta publicação é de responsabilidade
e autoria da associação teat(r)io oficina uzyna uzona





O FILME



por **Zé Celso Martinez Corrêa**



Filmado no Rio de Janeiro no ano de 1971 durante a temporada da peça de Oswald de Andrade no Teatro João Caetano, com Externas na Páscoa deste ano, em pontos Totêmicos da Cidade.

O Teat(r) Oficina foi o produtor inicial, mas teve uma história labirintica internacional pra ser montado. Atravessou o Exílio do Teatro Oficina em 1974, e teve suas latas levadas clandestinamente pra Europa, pela Embaixada Francesa em Sampã por iniciativa de uma das Atrizes do Filme: a Genial Maria Alice Vergueiro.

A história deste filme atravessa a revolução Portuguesa dos Cravos, as fronteiras perigosas da Espanha ainda de Franco, chega a Paris, quase engolida numa inundação pelo Rio Sena.

Mas nos anos 80, na abertura lenta gradual restrita, começa a renascer como fruto de um GRANDE ENCONTRO de dois Artistas: do então jovem Cineasta Noilton Nunes e este q escreve esta nota: José Celso Martinez Correa.

O Embaixador Celso Amorim, então na Direção da EmbraFilme, faz retornar ao Brasil as Latas do Material do Filme q estava na França. E o Rei da Vela é apaixonadamente Montado, incorporando além das Cenas da Peça, sua história, e nossa história de realizadores, com filmes em PB de nossos país, mas proibido em todo Brasil pela Censura.

Liberado depois de uma Invasão na Comissão de Censura da Abertura, teve sua estreia num Cinema de Copacabana encrencada. Um jovem offic

boy do Teatro Oficina, entusiasmado demais depois da Estreia do filme, solta um Rojão em frente ao Cinema, q faz sua trajetória até explodir um Fusca, lá estacionado.

Noilton e eu fomos acabar a noite de glória na Delegacia de Copacabana e os Jornais noticiaram em manchetes como acontecimento Policial.

Mas a EmbraFilme garantiu várias cópias, em francês, inglês y espanhol, apresentadas em vários lugares do mundo. Adquiridas pelas Cinematecas de Berlin y Paris.

Em 2016 o Produtor de Cinema, Paulo Sacramento, gerou uma MASTER DIGITAL 2K do negativo da película.

Os Figurinos, Cenários e a Maquiagem do Gênio Eisensteiniano Helio Eichbauer, concebida com o Elenco que criou a peça, são arrebatadores. As Interpretações, a começar de Renato Borghi fazendo Abelardo^{1º}, são incrivelmente deslumbrantes.

A Montagem de Noilton Nunes, a trilha Sonora q criei, ganharam o Kikito no Festival de Gramado.

O filme como bom vinho foi ficando cada vez mais forte e infelizmente mais atual do que nunca no Retorno da Onda conservadora.





TEAT(R)O OFICINA

Fundada em 1958, a Companhia Teatro Oficina se profissionalizou nos anos 60 e obteve imenso sucesso nacional e internacional de crítica e de público. Em espetáculos como *O Rei da Vela*, *Roda Viva* e *Gracias Señor* tirou o ator do palco e o público da cadeira; foi censurada e exilada nos anos 70 pelo regime militar, reexistindo em Portugal na apresentação de espetáculos em fábricas durante a Revolução dos Cravos e realizando obras cinematográficas em Portugal, Moçambique, Inglaterra e França.

Com a abertura política lenta, gradual e restrita, a Companhia foi, aos poucos, retomando as atividades no Brasil. Em 1984, transformou-se em Associação Teat(r)o Oficina Uzyna Uzona, misturando em seus ritos teat(r)ais música, artes plásticas, vídeo, arquitetura, urbanismo, em processos de cocriação entre artistas.

A vacina antropofágica de 1967 com *O Rei da Vela* e as descobertas cênicas que ela trouxe não cabiam mais no palco italiano, nem numa arquitetura colonizada. Deu numa rua. O projeto de Lina Bo Bardi e Edson Elito é concebido para dar passagem à potência criativa das manifestações populares, das bacantes, dos sertanejos, do delírio dos bailes de rua, do Carnaval, das manifestações políticas, dos cortejos, das procissões religiosas. Assim se projetaram as galerias tubulares verticais do Teat(r)o Oficina, com um público em trânsito pelo espaço, assistindo às peças de perspectivas diferentes. Público vivo, presente, atuante como nas manifestações populares de rua.

Lina e Edson mantiveram o vão da fachada Oeste aberto, que no canteiro de obras viria a ser o janelão, um corte de vidro de 120m², que

abriria radicalmente o interior do edifício para entrada da luz, da chuva, da noite, da cidade, e que inspira permanentemente a relação com o terreno do entorno. Atravessando o janelão como um feixe de vida, a Cesalpina - árvore totem sagrada nascida no interior do teatro - é musa das encenações e tem a força de transbordar os limites físicos do prédio, apontando, como flecha, para o Anhangabaú da Feliz Cidade - nossa antena para o cosmos, o dentro e o fora -, projeto nascido já nos primeiros croquis de Lina Bardi e Edson Elito para o único terreno vago no entorno do teatro, inspirados no Teatro de Estádio proposto por Oswald de Andrade em "se teatro que é bom", no livro *Ponta de Lança*.

Em uma arquitetura onde tudo era entendido como área de cena e público, o projeto ainda previa um Barracão nos baixos do Viaduto e o reflorestamento do terreno voltado para fachada Oeste, em frente ao Janelão, batizado como Pulmão Verde do Bixiga, ponta de lança da Matriz Verde de um programa vital para brotar o Anhangabaú da Feliz Cidade.

Caetano Veloso assiste *Na Selva das Cidades*, em 69, se inspira e batiza o pomar reexistente nos fundos do teatro de Oficina de Florestas, cantada na música "Sampa". A Oficina de Florestas nasce para devolver a Mata ao Bixiga, à cidade de Sampa, através do cultivo, conexão e disseminação das alamedas, bosquetes, de toda massa verde que reexistiu no processo de urbanização da cidade e que nos revela a fertilidade da Terra que nos envolve, Terras sagradas por ocupações nascidas da dramaturgia inspirada no próprio Terreno - protagonista que vem nos dirigindo todos esses anos.

Em 1980 entra em cena o Grupo Silvio Santos, comprando os lotes do entorno do teatro

para levantar seu empreendimento totem do capitalismo, o Shopping Bela Vista Festival Center. O Oficina mobiliza opinião pública e imprensa, e Silvio Santos anuncia publicamente sua desistência.

Em 1982, na gestão de João Carlos Martins na Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo, que, com uma visão de artista gestor, já previa a construção do projeto de Lina Bo Bardi e Edson Elito, o Teat(r)o é tombado pelo CONDEPHAAT, tendo Aziz Ab'Saber como presidente e Flávio Império como conselheiro, que cria o laudo defendendo o movimento de expansão da linha de trabalho da companhia.

Em 1983, o Teatro é desapropriado pelo estado e seu prédio passa a integrar o domínio público e tornar-se um espaço inteiramente consagrado à ação cultural sob a direção do Oficina, para a continuação de suas pesquisas cênicas, que incluíam a construção de um novo teatro, que levasse em frente as descobertas teatrais sem palco e plateia: um terreiro com tecnologia de luz, som, vídeo, que se estenda pelo entorno do Teatro, nas áreas cobijadas e demolidas pela especulação imobiliária em São Paulo.

Em 1993, o teatro projetado por Lina Bo Bardi e Edson Elito estreou com *Ham-let* de Shakespeare com enorme repercussão, seguido de montagens que até hoje fazem parte do repertório da companhia, como *Bacantes*, de Eurípedes, e *Os Sertões*, a partir do livro vingador de Euclides da Cunha.

Em 2010, o Teatro e a Associação Teat(r)o Oficina Uzyna Uzona foram tombados pelo IPHAN com belíssimo parecer da Arquiteta Jurema Machado, que o transforma em manifesto para a complementação do projeto de Lina Bo Bardi

e Edson Elito e sua expansão urbana. Segundo Jurema: "A história da Cia Teatro Oficina, seus métodos, linguagens e experimentos, o edifício da Rua Jaceguay 520, São Paulo e o Bexiga são indissociáveis. A compreensão desse todo vai se descortinando de maneira não hierárquica e não linear, o que faz da tentativa de retroceder e apresentar cada um desses elementos de forma segmentada uma tarefa difícil e, por vezes, empobrecedora".

O Teatro Oficina luta há 37 anos, hoje com o apoio dos moradores do bairro, para transformar este terreno, no coração de São Paulo, num terreno público, voltado para o cultivo das culturas que o criaram. Hoje, nos interessa desfazer o equívoco sobre a motivação dessa luta, que não se trata de transferir a propriedade do terreno para a companhia Teatro Oficina, mas de abrir aos moradores do bairro e da cidade este terreno que está dentro de um bairro que é patrimônio Público, que abriga 1/3 dos bens tombados da cidade, e é testemunha da formação histórica, da criação e das transformações da cidade de São Paulo.

Guilherme Wisnik assume a curadoria da X Bienal de Arquitetura de São Paulo em 2013 e convida o Teat(r)o Oficina e arquitetos de outros países para elaborar um projeto para o terreno do entorno do teatro e trabalhar o programa do Anhangabaú da Feliz Cidade. O projeto criado é a incorporação múltipla da proposta rabiscada por Lina, Edson e Paulo Mendes da Rocha para o Anhangabaú. O novo projeto explode os limites físicos do terreno do entorno para libertar estas terras da ideia fixa do adensamento e loteamento, costurando esse vazio do entorno do Teat(r)o Oficina aos terrenos dos baixios do viaduto Libertas (Júlio de Mesquita Filho);

reconectando o bairro, através de um Corredor Cultural que liga o Teat(r)o Oficina ao TBC, à Casa da Dona Yayá; desembocando na apoteose da Praça Roosevelt.

Essa explosão coloca a Oficina de Florestas como primeira camada de projeto, conectando toda a massa verde que reexiste no bairro do Bixiga, em Sampã; radicaliza a parte mais pública do programa - a Universidade Antropófaga -, que transborda para outros terrenos adjacentes ao teatro; transpõe o muro criado pelo viaduto com vias de pedestres e ciclovias, que costuram a via de carros por baixo e por cima do tabuleiro.

O Teat(r)o Oficina, obra de arte tombada pelo CONPRESP, CONDEPHAAT e IPHAN, foi esculpida por uma incessante criação artística, ininterrupta por quase seis décadas. Em 2015, foi considerado pelo crítico de arquitetura do jornal *The Guardian* o melhor e mais intenso teatro do mundo, seguido pelo Epidaurus, na Grécia, e pelo Grosses Schauspielhaus, em Berlim.

Nesses quase sessenta anos de existência, a companhia sempre se transformou a partir do tempo presente, tanto esteticamente quanto nos modelos de financiamento de cada era. Nos anos 60, com espetáculos de terça a domingo, a bilheteria era a principal fonte de financiamento de artistas e espetáculos. Essa economia foi interrompida pela ditadura militar, que praticamente criminalizou a arte teatral.

Na volta do exílio na Europa e África, a companhia encontrou uma situação completamente diferente. E depois de quase 25 anos sem um financiamento estável, em 2005 inicia-se a parceria com a Petrobras, que por onze anos foi responsável pelo patrocínio de manutenção da

sede e do equipamento principal do teatro: o ator, dando condições mínimas para dedicação ao teatro numa companhia permanente.

Em junho deste ano, recebemos a notícia do cancelamento desse patrocínio. Mais de quarenta projetos foram cortados dos incentivos da Petrobras. Em São Paulo, o orçamento da Secretaria de Cultura foi reduzido à metade. No Rio de Janeiro também foram cortadas verbas de fomento ao teatro. Essas ações, em curso desde o ano passado, fazem parte de um desmonte que não atinge somente a cultura. Os cortes atingem também áreas sociais, ambientais, prejudicando, interrompendo e violando políticas públicas fundamentais: como o reconhecimento de áreas quilombolas; a proteção dos povos indígenas e das políticas públicas específicas, ligadas a regulamentação das ações de demarcação de terras e fiscalização de violação de direitos humanos; a manutenção das universidades públicas e institutos federais e a valoração de seus programas de ensino, pesquisa e extensão; a manutenção do sistema público de saúde... E com aprovação do congelamento dos gastos públicos por vinte anos e a aprovação das Reformas da Previdência e Trabalhista, se evidencia a tentativa de desmonte das políticas públicas, do caráter democrático, do Estado e, mais do que isso, o desmonte da vida humana. O golpe atinge diretamente os corpos.

Fortalecido pela ascensão fascista, o departamento jurídico do Grupo Silvio Santos, neste momento, tenta anular o resultado da histórica votação de setembro de 2016, quando, em maioria, os conselheiros do CONDEPHAAT, o órgão de preservação do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Turístico do Estado

de São Paulo, votaram contra a construção das torres que assombrariam o Teat(r)o Oficina e todo o entorno do bairro tombado do Bixiga. Nas defesas apresentadas ao novo conselho, o Grupo SS questiona a própria natureza do tombamento, sugerindo que o estado retome a posse do Teatro Oficina e transforme o espaço na sede do CONDEPHAAT. É nesse turbilhão que a companhia encena *O Rei da Vela* e retorna ao fio preciso do poeta Oswald de Andrade para alimentar o fogo de felicidade guerreira, da alma desvairada.



CORDÃO DOURADO DE AMANTES

Em 2016, nós lançamos uma plataforma de financiamento coletivo, pronta para receber doações mensais ou unitárias (feitas uma única vez) - o crowdfunding permanente da companhia. Essa é uma ação em direção a uma relação mais direta com o público, que pode se tornar um coprodutor do trabalho da Companhia, que passa então a experimentar um novo modo de existência econômica autônoma, contracenando com uma forma de arrecadação de fundos direta, como diversos espaços consagrados de arte e grandes museus ao redor do mundo, onde a prática do mecenato ganhou força de política econômica de continuidade, fundamentais para a manutenção e potencialização dos trabalhos e práticas específicas realizadas.

Com o corte do patrocínio, a valorização econômica através do financiamento direto na plataforma se torna, assim, essencial para a montagem dos espetáculos, para a continuidade da pesquisa e prática artística e para a manutenção de nosso acervo e do edifício. Esse tipo de financiamento tem sido recorrente também em veículos de mídia independente e companhias de arte do mundo todo. O Teat(r)o Oficina incorpora agora essa nova economia, na sede de seduzir muitos mecenas. Nós invocamos todas as libidos, com fome de vida, para formar esse cordão de amantes, coprodutoras e produtores dessa arte viva que em 2018 completará sessenta anos de atividades, em contínua transmutação no aqui e agora.

**SEJA NOSSO
COPRODUTOR!**

www.teatroficina.org



www.teatroficina.com.br
facebook.com/uzynauzona
youtube.com/uzonauzyna
[instagram @oficinauzynauzona](https://instagram.com/oficinauzynauzona)
[twitter @teatroficina](https://twitter.com/teatroficina)
teatroficina.tumblr.com

**RESPEITÁVEL PÚBLICO!
NÃO VOS PEDIMOS PALMAS,
PEDIMOS BOMBEIROS!
SE QUISEDES SALVAR AS
VOSSAS TRADIÇÕES E A VOSSA
MORAL, IDE CHAMAR OS
BOMBEIROS OU SE
PREFERIRDES A POLÍCIA!
SOMOS COMO VÓS MESMOS,
UM IMENSO CADÁVER
GANGRENADO!
SALVAI NOSSAS PODRIDÕES E
TALVEZ VOS SALVAREIS DA
FOGUEIRA ACESA DO MUNDO!**

OSWALD DE ANDRADE



Sesc Pinheiros

Rua Paes Leme, 195

Tel.: 3095 9400

📍 Estação Faria Lima

📱📺📺/sescpinheiros

sescsp.org.br/pinheiros